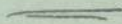


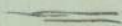
1896



Litteraturae Epistolae



per



Jules Verne

P. J. P. J.

1
Fomes Vedun, 25 de Janeiro de 1876

M. Redacção do Seculo - Lisboa

Ah! momentos em que o homem, elevado por sentimentos puramente patrióticos, não sabe explicar o que sente em sua alma. O dia hontem a noite foi um desses momentos. Seriam umas nove horas, quando do comboio de passageiros que chegou a esta estação de caminhos de ferro, se appaream onze expedição-nários que ha mais de um anno não viam a aldeia natal do seu concelho querido. Neste momento a Pádua da Fomeiro que os esperava no gare, em companhia de muitos cavalheiros, rompe o seu silencio com o hymno nacional, subindo ao ar innumerous foguetes. Efectuava de chegar um punhado d'ellos brava que combateram com d'ellos, pela Patria, que se portaram como verdadeiros portuguezes que eram e que souberam sustentar o prestigio das nossas velhas conquistas d'alem-mar!

Em seguida os valorosos soldados foram acompanhados por enorme multidão e pela Pádua, em deslumbrante marcha aux-flambeaux, até ao Gremio Christico-Commerciál, onde lhes foi servida uma abundante ceia.

Ao tomarem as seus lugares, romperam os vivas de todos os lados e ao contemplarem aquelles onze portuguezes, vindos ha pouco da campanha de Laurenceo Marquez, ao mesmo tempo que o coração se comprangia de do; vendo aquelles rostos tingidos pelo sol africano e aquelles corpos apasados pelas febres palustres, ao mesmo tempo que nos mettia do; enchia-nos de jubilo, por nos lembrarmos das victorias de que elles tiveram o seu seu quinhão!

A sala estava repleta de senhoras e cavalheiros que serviam a mesa.

Não nos esquece também uma velhota que sentada entre dois filhos não podia conter as lagrimas de alegria por ver os seus entes queridos a seu lado, quando julgava um d'elles sepultado nos inhospitos sertões de Gaja.

Seu netinho, elles cumpriram o seu dever, era bem que cumprimentos o nosso, ainda que modestamente.

Louvamos, não só os iniciadores d'esta tão sympathica manifestação, como todos os cavalheiros que espontaneamente tomaram parte nella.

Julio Vieira

Carta a Joaquim Rodrigues da Silva, ^{por}
Lisboa

Jornal Vedra, 26 de março de 1876.

Meu velho amigo:

Meu velho amigo! Ainda agora reparo no que acabei de escrever! Se acaso esta carta fôr parar as mãos de alguma coquette, despreza-la-hia, por julgar que era escripta por algum velho trapégo, a outro... Sim, tu bem me entendes! Portanto para reparar o erro, principiarei:

Meu novo amigo:

Abas... novo?! No nunca, porque o sou desde a tenra infancia e isso para mim são horas mal cabidas; o melhor é fazer como no Buro, o velho e conapaz, do illustre Leamedo e voltar a tratar-te como d'antes. Lá vai:

Meu nobre, bom e velho amigo:
Se acaso d'esta vez cougigo...

Como fiz eu, afinal? Deixei vovoz? E com tanta infelicidade que vou para clámfica-las, metrificando-as e -oh! desventura! - são d'aquelles que... não tem nome! São dos de nove syllabas!

Passando agora a fallar a serio, bastante a serio; como sabes, ha seis mezes, feitos honterem, que eu ando tomando as agoas da Fonte Nova e respirando

4
aquelle ambiente, que, ao mesmo tempo que está infesta-
do de melgas, vão rebentando aqui e allí alguns
pis de alfazema que vai purificando certos sitios mais
insalubres...

Os meus pareceres, actualmente, são para os lados
da Allemannha, (não te amustes, porque este pay tambem
se chama Germania e d'este nome para Germano, só,
vae a differença de um i que qualquér compo-
sitor typographico descrevendo, facilmente desparará
clahir no carapotiur...)

Novidades não tenho nenhuma, a não ser
que te diga que a randa particular da cadeira civil
de Torres é o José Cabral. É o terceiro ministro, desde que
foi creada aquella parte.

Como vae por lá o nosso amigo Junqueira?
Quando o vires, dá-lhe recommendações minhas e
dize-lhe que estou muito apaixonado por uma das
suas incantasi.

Acabo agora o meu coq-à-l'âne que já te deve
estar aborrecendo.

Accenta um abraço do teu verdadeiro amigo,
que, quando for um dia coroadado, fará de ti o seu pri-
meiro ministro.

Julio Vieira

Carta a J. M. - Torres Vedras

2 de julho de 1896.

.....
O' de Torres Vedras, da camuagem do comboio que em te
excrevo, por imo me relevas o emprego do meu lapis esque-
cido no fundo da algibeira e a ausencia da tinta.

Acordei muito mal disposto, apesar de dormir pouco,
por tres horas de sono solto, para o meu estado de con-
valente e na verdade meu divertimento.

Estão dando o signal da partida; são 3 horas e vinte
minutos da madrugada. Apesar dos movimentos do com-
boio, ainda consigo dizer-te: até já! A' primeira paragem
continuaré.

Farei a Botica já. Ah! que recordações tão saudosas
e tão tristes me despoem no coração! Parece desenvolver-me
a meus olhos as paginas do livro de Luciano e abarga-
rida, que o meu pobre espirito imaginou em dias de me-
lancholicas reflexões! Nunca esquecerei esse tempo em que
o meu apaixonado coração, incitado pelo alto pervertimento
do meu cerebro exaltado, subiu ás mais altas chivieiras!

São quatro horas. Uma fraca claridade vae dando um
outro aspecto a estes campos que desapparecem a meus olhos.

Passei mais meia hora; já vejo alguns camponezes.
A manha está de nevou. É um bom prenuncio de
temos um dia esplendido.

A aurora ta muito que rargou o seu veu e o Sol,
ainda encandido, já imprime umas cores de purpura nas

6
surveys mais elevadas.

São 5 e meia. Um raio de Sol, entrando pela janela da camareira, acaba de me beijar o rosto.

Oh! Como eu desejaria ver nascer este mesmo Sol, ~~na~~ na Ponte Nova!

Abriu o mar e uma praia que deve ser a dos Abon-
cãs. Parece que creci uma alma nova. Mas... já passou e só me resta a lembrança!

Intenço-me por vários vezes e torno a escrever a cada impressão.

Fego no lapis novamente, mas pela ultima vez. O comboio está a chegar a Lisboa e eu quero aproveitar o correio de Torres.

Procurarei, sem te esquecer, aliviar as saudades que d'ahi trago e accerto uma saudosa lembrança do teu ninho,

Julio

Carta a D. J. R. - Povo Vedras

7
Corações do meu tharax:

Vou principiar hoje mesmo a responder, digo, a escrever-te. A tua carta sensibilizou-me de mais, mas primeiro, deixo que dormites um pouco sobre religião, que depois te responderei, mesmo para dar occazão a que o meu coração arrefeça um pouco do choque produzido pela leitura da tua missiva.

É raro o homem que não tenha o sentimento da Divindade, desde o selvagem, o proprio moçoado, até ao mais civilizado, mas, conforme as raças, amim esse sentimento e' mais ou menos completo.

Os povos primitivos entregavam-se a um naturalismo, em que, mais ou menos, grosseiramente, viam representados actos da Natureza na influencia de seres invisiveis e ignotos. Paremos agora a religião que dizem ser a mais bella, a mais completa, a mais raraavel do mundo, a religião christã; e a segunda que possui mais sectarios. Contudo, como as religioes polytheistas, ha' tem muitos pontos inacreditaveis e que fazem desanimar os que possuem um pouco de entendimento e a querem abraçar. Tais são os dogmas incrediveis, o culto dos santos, o celibato dos clerigos, que da' logar a scenas escandalosas inevitaveis, etc.

Segue-se por enala, em numero de adeptos, o protestantismo (lutheranos, anglicanos, calvinistas, presbyterianos, etc.) que tem mais razão de ser do que o catholicismo, em virtude de varias expozicoes rarasaveis, tais como o sacramento dos padres, exclusão dos santos nas egrejas, o

não reconhecimento da auctoridade Episcopal. Mas tambem
 bem ponue varios d'esses pontos de doutrina que não
 admittem discussões e que tornam esta religião de
 mesmo modo inaceitavel, porque se não forem, seria
 a primeira, a mais serrata. Todas as demais doutrinas
 não são mal fundamentadas. Os guebros ou parzes,
 adoradores do fogo; os judens e os silannitos, sectarios
 de Obafoma, cujo fanatismo toca as raíças da barba-
 ridade, circumdando os neophytas; os buddhistas, par-
 tidarios da religião derivada do Brahmanismo, for-
 mando o maior conjunto de crentes, cuja religião é a
 que tem mais adeptos, apesar de ser uma das menos to-
 leraveis; os feticheiros, alguns dos quaes professam uma
 religião de maneira grosseira, sem pontos de contacto
 com simples noções da Divindade; religioes, cujas do-
 ctinas são mais falsas e impossiveis para que se admittam.
 Por isso não acredito em nenhuma d'estas the-
 orias. Não me posso considerar attheista; não, porque
 para mim tambem ha um Deus que eu respeito e
 admiro. Plus draconiano na exotica d'elle. Venero as
 flores, os fructos, as herbas, as pedras, as agoas, as montes,
 os regatos, a natureza em geral! Admiro profundamente
 as trovões, os relampagos, os meteos; respeito tudo
 isso e amo todo o Universo! É isso o meu Deus.

O que eu não posso é adorar um ente individual, o que
 eu não posso é reconhecer como chefe de uma religião
 um homem que tem tantos poderes imaginarios como eu!
 Isso não! Porque para professar qualquer religião, teria de
 dizer que, quando houverem um cataclysmo qualquer,
 era castigo de Deus, que, quando um mau homem morre,

era por castigo de Deus, que, quando chevem inoparturam-
 mente, ou travejam, era castigo de Deus! É isso seria um
 absurdo, um absurdo que eu não perdooaria a mim
 proprio, pois era fazer de Deus um ente preverso, um
 ananias, um malvado, um impião! Oh! Deus! Que de
 heresias, que de vãs torpezas, que de atrocidades que
 se commettem e dizem diariamente!

A minha religião é: amar, adorar todo o Universo
 e respeitar os seus phenomenos.

Justo

Tomás Vedras, novembro de 76.

10
Buenos Aires, 23 de maio de 1897

Oléu caro am? Carlos

Voa regularmente dois annos que não recebo
letras tuas, no entanto sei que voas passando, sem
bem, pelo menos regularmente, por notícias de
teu primo Antonio.

Realmente é um deléio meu, o não te ter
escripto ha mais tempo, não porque esqueci os meus
amigos quando elle está longe, pois muitas vezes
falto de ti e é como saudade que eu me ricordo
dos felizes tempos que nós, endiabrados rapazes de
escola, aqui passávamos; ainda um d'estes dias
estive com a "Abacostade" na mão! mas, bem
sabes que nem sempre ha occasião e esta coiza de
dizerem: "exereveret amanhã: vão - e passando
muito amanhã e como o tempo no seu rapido
fugir não espera por ninguém, a breve trecho
passam - e humanas, mezes e annos.

Eu, meu amigo, agora é que posso segura-
mente dizer que tenho um bocado de saúde, mas
o anno passado cahio á cama com uma pneumonia
nã que me deitou ás portas da morte. Salvei-
me, mas não pude evitar um ataque de rheu-
matismo que me fez soffrer durante "três de
4 mezes. Este anno já tive outro pequeno doem-
to que me deteve recolhido uns vinte dias. En-
to perdos de saúde teem-me atezado muito
nos estudos, pois este anno é que ainda vou
fazer exames de inglés e geographia.

Junto a isto devei encontrar uma photographia

11
minha que não está perfeita, pois aqui me
ha photographo capoz, mas que te dará um traço
geraes do que é teu sincero e que desejo a saúde
e felicidade, tua e de tua familia.

J. de S. F.

12
Fourn Vedier, 27 de dezembro de 1877

Minha querida tia Rosa

Está chegando a ocasião de lhe escrever. É a primeira vez que peço ao penna para tal fim, e a primeira vez que a tia recebe e lê letters minhas e que seu sobrinho se lhe dirige, desde que a tia sahio de Portugal. Quando se deu essa grande reparação se eu bem frequencia, pouco tempo me bem, tão bem, como se fosse hoje.

Ha tempos que a avoinha me disse que tinha recebido uma carta da tia em que mostrava desejo de que eu lhe escrevesse, pois que nunca tivera noticias minhas, exceto pela meu penna. É certo! Estou tão acostumado a minha, tia ou a avó me digessem que receberiam esta sua, que eu acotcho sempre a noticia com jubilo mas nunca pensei em lhe escrever porque a tia receberia de certo tambem noticias minhas. Agora pois que me dispuz a escrever-lhe, interfare o desejo da minha boa tia e ao mesmo tempo envio-lhe as boas-festas, desejando ~~tantas~~ felicidades, a vó, tia Rodriguez e priminhos, como ambrionarem.

Quando é que os tios estão dispostos a virem a Portugal visitar-moi? Já é tempo!

Eu actualmente passo bem de saúde, mas até á data tenho estado a tratar-me de febres biliosas que adquiri num penna que deu a terras palustres. Por ahí como vão? Bem não é verdade? É isso o que estima o seu sobrinho que envia muito saudades suas e de toda a familia para os tios e priminhos.

Julio Vedier

13
Carta para a 'Tia Rosa de Fourn Vedier'

Briana, 5 de março de 1878.

Muito caro redactor

Um vago rumor se espalhou na população branca de Briana. Saí-se o caso que se viu um certo rumor entre o gentio pela appareza de algumas legoas d'aqui, de um estrangeiro vindo do norte de Africa e que viajá sivegnosto, a quem os papais e suas tribus se abstinam em problema como sendo um Deus. Se a dia augmentam as peregrinações dos indigenas ao santuário d'um miraculoso e invincível ser, que, como um genio, dá adivinha occulto num cubata. Os povos de Guine, áz superstitiosos, vão até implorar a sua protecção divina, achando-se por im debaixo do seu domínio proficiente, pelo que o commercio se arreceia, pois d'aqui pode advir um perigo para a provincia, cuja tranquillidade ainda se vê reger pelos ultimos acontecimentos, até por animo dizer nos mãos d'um novo e desconhecido propheta. Felizmente a sua attenção e doutrinas conversadores não caem por esquecimento que sejam hostes ao commercio e a paz, dizendo-se até que a novidade es tribus a començarem a ordem entre si e a respeitarem o governo portuguez, que, até é presente de tal ordem o succedido.

Estes factos podem succeder bem vir a prejudicar o sucesso da Guine, por tanto tempo alterado, attento que é bem arrojado a maltaças de gentio no interior, cuja vidala bellion e' áz comuenda.

J. V.

Carta para o "Folha de Torres Vedras"
 S. Thome, 20 de abril de 1899.

Muito caro redactor:

Esta a termino a epocha da trovada que ha dois annos, tendo analado com bastante violencia em esta ilha. A de maior violencia foi a trovada da fortissima que no principio d'este mez peiren nesta regio, ocasionando bastante prejuizo; accompanhada de um vento tempestuoso, com muita grossa chuva, as quaes, despendendo-se com impet no mar, nathram no fundo das lanchas, barchas que não podem ser salvas.

Na contracoza foi a pique um vaporinho pertencente ao sr. conde de Val Flor, pertencido ao seu socorro o rebocador de alfandega Principe que nada conseguiu fazer.

- Os colheitas de café e cacau promettem ser este anno abundantissimas. A do cacau principia nalguns pontos da ilha, pelo que o chubasco boou um carregamento de 15.000 saccas para a praça de Lisboa. Desde que o café perdeu muito na sua cultura, em todos os ramos se se substituiu este pela plantação de cacau, a principal regiao de S. Thome, que vai augmentando consideravelmente de anno para anno.

- O Angola trouxe grande quantidade de gado cavallar e mucca de Lisboa, e bovinos de S. Paulo, cujo falta muito se sente aqui para o consumo publico. Difficilmente se encontram um galinha ou um peru, cujo preço regula por 4000 reis. Os ovos que se compram a 50 reis cada um, nem sempre os ha. Com compensação o arroz e o feijão

abundam e valla-se um sitio que e o nome hebraico tal alimento.

- Foi posta uma boia no porto em que ultimamente ardem e se submergim o portão de carvão, caso que alguns jornais de Lisboa relataram verdadeiramente como tendo sido succedido em S. Vicente (Cabo Verde). Foi uma perda importante, avaliada em cerca de 40 contos, para o governo da provincia, pois que logo por infelicidade, dias antes de se manifestar o incendio, havia o portão carregado por completo de carvão, sendo a perda d'este e do mais total.

J. V.

Carta para a "Folha de Foz de Iguaçu"

Goandá, 28 de abril de 1877.

Muito caro redactor.

Depois que a peste bovina se espalhou por toda a provincia, sobretudo em Goandá, onde a epidemia se manifestou com bastante intensidade, e, especialmente, depois que sahio publicado no Boletim Official a prohibiçao de trazer para o gado vindo do sul ou de qualquer porto da provincia em navios portuguezes ou faziam carreira para Lisboa, a falta de carne aqui e' absoluta.

Apesar d'isto ainda se realisou no dia 7, promovida por um grupo de caçadores, uma corrida de touros no praco de S. Paulo, mas o fiado foi completo, o que nos poderia servir de exemplo, porque o gado portuguez se mantem a se abater no matadouro municipal do que a se abate em um praco de touros.

— A banda de caçadores 2 continuam tocando todos os domingos e terças feiras na cidade alta e as quintas feiras na baixa.

— Principiarão as chuvas. Ante-hontem, durante uma trovada que se demorou ao sul porto, desapareceram o batelão Loaire, da Com. prep. Nacional de navegação, que estava carregado com 80 toneladas de carne. Suppõe-se que tenha ido ao fundo.

— Foi proposto pelo bispo de Cruzal o estabelecimento no Chapel de um meado, substituindo a de Leuteve.

— Ainda nos terminaram os trabalhos da

demarcação da fronteira do districto de Coypé.

— E' esperado brevemente em Goandá o n. capitão de mar e guerra C. de Silva, novo commandante do divisaõ naval d'aqui.

— Vinde de obomamedas chegou hontem a este porto a canhoneira Coypé. Não veio a bordo o n. governador geral, como se esperava, e que partiu em vulto ha tempo para obomamedas.

No resto da provincia não ha novidade.

J. V.

Carta para a "Fóllia de Fome Vidua"

Louvain, 10 de maio de 1899.

Muito caro redator:

As estações das chuvas este ano tem-se apresentado debaixo de um aspecto violento e asperuoso. Tem choivos consecutivos e torrencialmente, chuvas que, já por demoradas, tem causado alguns estragos nos campos, milharas, etc.

As trovoadas que nos amolam de vez em quando também tem sido fortíssimas e causam de bastantes prejuizos.

Obsto que nos annos anteriores, a presente estação se nos mostra rigorosa.

Temem baldade todas as tentativas empregadas para pôr a nado o batelão de ferro Loire que, como disse no minha última correspondência, se havia submergido carregado de carvão, em virtude de um grande trovoadá que amolou este porto no mez passado.

O batelão ainda se conserva no fundo, próximo a' ilha, em frente dos depósitos de carvão de Empuz de Saurambé.

Para se em levar a effecto a construção de um caminho de ferro entre o porto de Loire e o Baroté, sem encargos de nenhuma especie para o governo.

Se isto se consegue será um grande melhoramento e vantagem para o commercio de Beignell ^{com} la que muito tem a lucrar.

O caminho de ferro entre Beignell e Catembella, que tem estado interrompido, ainda

nas funcções:

— Com jumbe prociua de um patin de elbon ramides, uma expedición de caza e estudos, organizada pela companhia de Albonnades, cujo principal fim é explorar os terrenos d'aquella companhia até aos limites de Zambere.

Todos os perquiza e estudos que se fizerem fôrta de direito pertencendo a' companhia, que reterão nos lugares para pessoas que queiram occupar a expedición que se calcula levar proximaente um anno.

O organimento total de arizem por cada individuo é de 15.000 francos.

Esta missão de estudo e exploração continuará certamente muito pouco demoradamente commença.

— O alfandega de Loire rende o arizem franado cerca de 104 contos.

J. V.

